

**ENVEREDANDO
PELOS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS:
"A VINGANÇA DE CHARLES TIBURONE"**

Denise Salim Santos (UERJ)
d.salim@globocom.com

1. O humor espalhado na narrativa

A escolha do livro “A vingança de Charles Tiburone”, de João Ubaldo Ribeiro (1990), se justifica por ser uma publicação dirigida ao público infantil e juvenil, ainda que discordemos da ideia de que, de fato, exista uma “literatura” especial para crianças e jovens, criando o pressuposto de que tal produção seja menos relevante ou desprovida dos recursos que a literatura “adulta” explora em sua produção. A partir da observação do vocabulário empregado por seu autor, por exemplo, identificamos práticas e recorrências quanto às escolhas lexicais feitas com o mesmo cuidado, com a mesma propriedade que encontramos quando da ocasião de estudos de mesma natureza realizados em usas crônicas, contos e romances.

Já pela escolha do título, o humor se faz presente de forma significativa. Tiburone é a maneira como uma das personagens, Quica, menina de três anos de idade, pronuncia a palavra tubarão. Segundo o autor, tratava-se de uma narração despreziosa, construída inicialmente para distrair as crianças da família, à hora das refeições, que posteriormente, foi transformada em livro. E retextualização da modalidade oral para a escrita não eliminou do texto, porém, a expressividade da fala. Em várias passagens vemos a preocupação do escritor tentando reproduzir hesitações, medos, surpresa, suspensão da fala etc., empregando recursos variados da escrita tais como repetição de fonemas, pontuação, separação sintática nem sempre canônica:

– Seu nome não é Belarmino? Seu nome é Belarmino, na chamada da escola é Belarmino e sua vó chama você de Belarmino, Belarmiiiiino! (p. 10)

– É... É... É o sss-se-nhor, o repres... O respr... – tentou perguntar Neneca, que também tinha tomado um bruto susto (p. 34)

– Então eu assino logo. É... Precisa assinar o nome todo? Meu nome de verdade é... (p. 360)

– Silêncio! Seentiiiiido! Sua excelência o General Charles Tiburone! (p. 55)

– Que so.. so... solenidade a do almoço? (p.58)

– Sss... ssomos de p-p-az – disse MINO com olhos fixos nas pinças. (p. 82)

Em outra passagem, quando a personagem Neneca, a maga oficial do Centro de Contra-Espionagem Danger People, descobre um livro “empoeirado e sem capa” falando de “Sciencias occultas”, o escritor preocupa-se em dar autenticidade ao objeto encontrado. Duplicando letras e trazendo ao texto palavras do passado da língua, dá credibilidade ao livro e cria o tom de verdade quanto às possibilidades mágicas da menina:

Neneca encontrou um livro todo escripto de um jeito diferente e falando em Sciencias occultas

Como fazer cair os dentes de um desaffectedo (p. 22)

(...) e o nome do desaffectedo escripto com boa calligraphia. (...) Tiro e queda. Dois dias depois, olha lá Julinho banguelão, bem na frente da boca (p. 22)

Como é possível constatar na obra de João Ubaldo Ribeiro, os estrangeirismos também estão presentes neste livro, e seu emprego não é gratuito. A admiração das crianças por super-heróis estrangeiros, tão presentes na mídia e no mundo virtual, se reflete na temática de festas, no vestuário de meninos e meninas, permanentes no imaginário infantil. Também aqui, João Ubaldo tem cuidados com o “registro fiel”, ou quase fiel, da oralidade na fala de suas personagens, oportunamente pelo exagero caricatural de tais pronúncias, deixando no ar certa crítica ao excesso de “contaminação lexical” na busca de um “status” diferenciado:

– Juva tinha mania de falar inglês, embora não soubesse nada (...). Depois veio a questão da pronúncia. Juva insistia que as palavras danger people tinham de ser pronunciadas com a boca torta, como os americanos falam no cinema “Dendger Píopio” (...). Então cochichariam: ‘Deeendger piípio’ (p. 8-9)

(...) Juva se meteu, querendo botar o nome Danger Ship na nave e falando de boca torta (...)

– “Dendger Chípi” é muito mais bonito! (p. 10)

– Você não é Danger Boy? Então por que não usa seus super-poderes (...), grite “deeeendjerbuói” e saia voando, vá! (p. 40)

Uma outra passagem marca a estilística lexical de João Ubaldo: a presença de expressões latinas em seus textos. O humor se localiza, neste caso, exatamente na adequação contextual da expressão em uso, considerando que as personagens se encontram em situação de risco no fundo do mar, perseguidos por barracudas perigosos: “Um deles, McShark, foi de-

clarado *pisce non gratus*”. Imediatamente o narrador, por meio da metalinguagem, esclarece seu leitor do que significa tal expressão: “peixe de que ninguém aqui quer saber”, dialogando com a fórmula tradicional “*persona non grata*”. Afinal, as crianças de hoje não têm contato com a língua latina

Também são fios semântico-discursivos da narrativa ubaldiana os fraseologismos de caráter eminentemente popular, facilitando a compreensão do texto pelo traço de tradição cultural que essas formulações carregam ao longo do tempo:

Passar o chinelo Botar bofes pela boca	Arredar pé	Pras suas negas
Dar uma carreira Dar palpite Dar uma choradita Dar uma lição a Dar golpe Dar no golpe Dar (uma) rabanada Dar um jeito	Deixa estar jacaré (que um dia a lagoa seca) Matar de susto A coisa fica preta (está)	Cair o queixo Tirar lasquinhas Caiu de pau

Sem que ainda não nos tenhamos detido nos processos de formação de palavras, todos esses recursos linguístico-expressivos fazem parte da teia de sentidos de humor presentes no texto, mas aqui trazidos apenas para elencar alguns tratamentos que se podem dar a um texto quando se fala em leitura, interpretação, compreensão e trabalho com a língua e sua gramática.

Comprovada a presença do discurso do humor na narrativa em estudo, trazemos Cabral e NicK (1974, p. 174) para definir o humor como uma das espécies de cômico: “é a expressão verbal ou outra que retrata uma situação com misto de simpatia e divertimento ou uma tendência para reagir favoravelmente (bom humor) ou desfavoravelmente (mau humor) a outras pessoas”.

Sigmund Freud (FREUD, 1997) enriquece a teorização sobre os estudos do humor acrescentando que este tipo de cômico é um meio de se obter prazer apesar dos afetos (sentimentos) dolorosos que interferem com ele, situando-se neste ponto a primeira distinção entre o cômico e o humor: aquele não consegue existir em presença da dor, do sofrimento, ao passo que o humor atua exatamente como um substituto da geração de um sofrimento, ou seja, dando pouca importância a seus infortúnios, o indivíduo está apto a ver o lado “engraçado” da situação.

Segundo o psicanalista, o humor tem como fonte a economia de sentimento (compaixão). Aliás, todo processo de geração do riso é fundado no princípio da economia: o cômico, a partir da economia do pensamento e da representação; o chiste, a partir da economia da inibição. Uma outra característica importante da situação humorística é que se satisfaz rapidamente, porque completa seu circuito dentro do próprio produtor do humor. A divulgação da satisfação que o humor produz no indivíduo não carece necessariamente da participação do outro para se completar.

Quanto à funcionalidade, uma das mais evidentes, à semelhança do cômico, está em seu papel de controlador social crítico. Como técnica de controle, é usado para as mais diversas manifestações de aprovação, desaprovação, para indicar hostilidade ou rejeição etc. Não é, no entanto, um recurso unilateral; é usado tanto pelos representantes do poder e da autoridade, quanto pelos demais grupos sociais, o que é bem mais frequente uma vez que o humor pode tornar-se instrumento de luta e de oposição.

Os textos impregnados de humor vêm forjados por situações ambíguas. Embora suscitem hilaridade, normalmente são motivados por alguma situação que irrita, inquieta a opinião pública, o que nos leva a crer que, através do humor, tenta-se destruir a realidade que não agrada. Esses textos têm que ser construídos dentro de técnicas eficientes, uma vez que o discurso humorístico não está interessado em manter relações de significação num mesmo sistema de referência. A justaposição de planos é fonte frequente desse tipo de efeito de sentido. Até porque as palavras não têm efeito exclusivo de produzir sentidos. Elas são manipuladas para chegar a esse objetivo.

A temática explorada nos textos não foge da função social que o humor exerce. Dela fazem parte os assuntos controversos socialmente, na maior parte das vezes – sexo, política, racismo, instituições em geral, maternidade, a própria língua, loucura, defeitos físicos. Do discurso humorístico também são alvos fáceis a velhice, calvície, obesidade etc. De alguma forma o humorista descobrirá um artifício de veicular o subterrâneo, o não oficial em seu discurso.

Ainda que seja uma história “infantil”, ela não é estéril ideologicamente. “A vingança de Charles Tiburone” aborda questões como a influência estrangeira nos hábitos nacionais, de que o nome do grupo “Danger People”, o codinome de Juva (Danger Boy) e alguns equipa-

mentos como o “danger games” são exemplos; a discriminação da mulher, no momento em que o grupo de meninos não admite a participação de Neneca e Quica no grupo, e estas se impõem a ele por habilidades pessoais: uma tem poderes mágicos e a outra tem um grito possante, destruidor; o golpe militar que Charles Tiburone – o general generalíssimo, truculento, violento – organiza contra o Presidente dos Barracudas; a discriminação racial entre siris e caxangás.

Um outro aspecto pertinente ao cômico e que se mantém no humor é o caráter lúdico. Eduardo Diatay Menezes (1974, p.1 1-13) afirma que o cômico constitui uma categoria especial das atividades lúdicas, porquanto só sob o ponto de vista do jogo é que se pode perceber o objeto do riso. Segundo o autor, assim como o jogo, o cômico confronta-se com os fatos em favor da fantasia; é a negação do real através da ficção; é um meio de livrar-se de suas pressões e constrangimentos:

O jogo, como o cômico, está associado à alegria, ao prazer, à surpresa, ao arrebatamento, farsa, divertimento, realidade (...). À tendência a esquecer ou desconhecer os dados da vida real, ao desprezo pelo bom-senso, à concentração nos sonhos de glória e nos empreendimentos heroicos que compõem o cômico, correspondem o espírito de luta e aventura, conquista e superação que acompanham o jogo. Por outro lado a repetição é comum aos dois tipos de fenômenos.

Eni Puccinelli Orlandi (1996, p. 155), ao apresentar as características do discurso lúdico, reforça a proposta de aproximação entre o jogo e o cômico e, conseqüentemente, o humor, apontando o discurso lúdico como o uso da linguagem pelo prazer. Ressalta que, assim sendo, as funções da linguagem mais recorrentes seriam a poética e a fática “por causa respectivamente da maneira como se dá a polissemia e por causa da reversibilidade nesse tipo de discurso”. A polissemia se instala na multiplicidade de sentidos e a dominância de um sentido com os outros, ecos desse sentido mesmo, se realiza de maneira a ser preservado o máximo de ecos.

Considerando a natureza de nosso trabalho podemos sintetizar que o humor resulta da transformação (ou economia de despesa, no discurso freudiano) de dor em alegria, satisfação. O aspecto lúdico do humorismo resulta no uso da linguagem pelo prazer; é a ruptura com o instituído. No lúdico, assim como no humor, a relação com a referência não importa, não é necessária: há espaço para o *nonsense*. João Guimarães Rosa, no prefácio de “Tutameia” intitulado “Aletria e Hermenêutica” (ROSA: 1985 p. 3-12) trata a questão do suprasenso na construção da comicidade e humorismo. Diz ele:

No terreno do Humour, imenso em confins vários, presentem-se mui hábeis pontos e caminhos. E que na prática da arte, comicidade e humorismo atuem como catalisadores ou sensibilizantes ao alegórico espiritual e ao não-prosaico, é verdade que se confere de modo grande. Risada e meia? Acerte-se nisso em Chaplin e em Cervantes. Não é o chiste rasa coisa ordinária; tanto seja porque escanča os planos da lógica, propondo-nos realidade superior e dimensões para mágicos novos sistemas de pensamento p. 3-12

De circuito mais simplificado que o cômico, o humor pode iniciar e terminar em um único indivíduo, mas se comunicado ou compartilhado, será através da compreensão da pessoa humorística que chegaremos ao mesmo prazer que o dela – o prazer humorístico. E é isto que trataremos a seguir considerando os processos e formação de palavras que permitem que sujeito-produtor e sujeito-leitor partilhem desse prazer.

A leitura de Ubaldo nos aponta um humor mais subjetivo, aquele que tenta superar as inquietações interiores através do prazer que extrai da brincadeira com as palavras, construindo sentidos ora claros, ora jogando com a polissemia instaurada a partir da manipulação das palavras nos enunciados ou dos elementos constitutivos dessas palavras. É possível que neste livro o escritor não queira revirar a sociedade pelo avesso, ao tocar em certas mazelas sociais ou bulir com o defeito do outro dolorosamente, mas, sem dúvida, há o que comentar ou discutir provocando a reflexão do leitor.

2. *Processos de formação de palavras e humor*

Perscrutaremos a veia humorística do autor como uma de suas marcas de estilo, aliada à expressividade que certas formações de palavras assumem nos textos. Lançando mão dessas estratégias no discurso, João Ubaldo Ribeiro trata as coisas sérias tentando não macular a leitura prazerosa de seus escritos. É o deixar “fruir por puro deleite”.

Muitos dos vocábulo aqui selecionados resultam da adjunção de morfemas ao semantema, acrescentando-lhe significações acessórias ou, ainda, servindo para operacionalizar a mudança de uma classe ou subclasse gramatical para outra. Falamos dos afixos – sufixos e prefixos. A resultante desse processo de ampliação da palavra através de morfemas é classificada como forma secundária. Veja-se uma oposição linguística: enquanto os afixos derivacionais, ou morfemas derivacionais, criam um novo vocábulo, posto que afetam semanticamente o significado da base, os sufixos desinenciais (ou morfemas categoriais) não atuam dessa forma, pois mantêm a estabilidade semântica da base a que foram adjungi-

dos, recuperando aqui a ideia de regularidade dos padrões flexionais que o sistema linguístico oferece.

O que emerge, então, é que o conjunto de afixos do sistema linguístico – desinençiais ou derivacionais – é elemento importante não só na ampliação do léxico, mas também na economia linguística. Na verdade, os mecanismos da língua sempre buscam o máximo de produtividade e eficiência utilizando um mínimo de elementos do sistema arquivado na memória do usuário (sistema fechado a que pertencem os elementos flexionais), combinado ao sistema aberto dos semantemas, sempre receptivo a novos elementos.

A exploração do jogo de formas construídas a partir do acréscimo de afixos é o que percebemos ao ler “A vingança de Charles Tiburone”. Segundo levantamento realizado, o processo mais produtivo é a derivação sufixal. Discursivamente, destacam-se os sufixos diminutivos, aumentativos e superlativos que acrescentam sentidos diversos, apesar da identidade do processo e mesmo de morfemas empregados. Por exemplo, há derivações que denotam apenas dimensão do ser ou da qualidade do referente nas formações diminutivas e aumentativas

Ah, quer dizer que a irmãzinha não pode participar das brincadeiras, não é? (p. 18)

Tinha água de chuva num potinho sem uso (...) (p. 24)

Bastava disposição para passar por cima do cais (...) e enfrentar um trechinho com lama até as canelas, só isso (p. 32)

Confusões, confusões, com Quica sendo levada por Neneca para trás de um matinho lá fora para fazer xixi. (p. 43)

No entanto, outras derivações diminutivas acrescentam sentidos conotativos aos enunciados onde aparecem:

a) Intensificação:

Tudo igualzinho, igualzinho. (p.91)

Desta vez vamos segurá-lo direitinho(...) (p. 89)

b) Afetividade

(...) e o Presidente abraçando-os e enxugando uma lagrimazinha no canto do olho (p. 79)

Neneca, que já estava meio de namoro firme com o budião, também deu uma choradita (p. 79)

Os outros ficaram só com um nozinho na garganta (...). (p. 79)

c) Ironia

- É, é. Muito boa pessoa – e a lagosta deu uma gargalhadinha. (p. 54)

d) Pejoratividade

– Esse gordinho aí! O capitão Navalhinha manifestou o desejo de levar esse gordinho aí para um jantar na casa dele. (p. 63)

Por sua vez, os sufixos aumentativos prestam-se a conotações hiperbólicas:

Não custava nada ir buscá-la, ele estava doido para ver o peru hipnotizado, lá todo espichadão (p. 14)

(...) Bolota salvou a pátria, com um puxão bem na horinha (p. 14)

(...) lá estava o monstro (...), três olhos injetados, um esporão serrilhado saindo da testa e uma linguona enorme parecendo uma seta de duas pontas (p. 47)

(...) porque o recém-chegado sentou-se numa cadeirona de espaldar alto (...). (p. 52)

(...) ver os peixes fardados(...) Um deles, grandalhão e coberto de listas douradas (...) (p. 52)

– Vi! Enorme, com cada dentão assim! (p. 52)

_ Aaaa! – rosnou ele, num vozeirão rouco que fez todos estremecerem.

Toda hora passa um peixão enorme aqui em frente, para, fica me olhando e lambe os beiços (p. 58)

Também de valor hiperbólico é o emprego dos sufixos formadores de superlativo absoluto sintético de uso predominante em lugar de construções analíticas:

“Dëndger Piopio!” Mino achou a ideia bestíssima (p. 8)

Juva se meteu, querendo botar o nome de danger Ship na nave e falando com a boca entortadíssima (p. 9)

– Não estou vendo nem armário, nem fogão, nem geladeira (...) tinha dito desconfiadíssimo. – o que é que a gente vai comer na viagem? (p. 43)

(...) talvez ele os houvesse recolhido a algum compartimento de seu corpo estranhíssimo (p. 51)

Charles Tiburone que era também general, aliás generalíssimo, para não falar em almirante brigadeiro. (p. 57)

(...) ladeando a entrada do presidente, um tubarão-baleia elegantíssimo...
(p. 58)

Outra característica expressiva no uso da derivação nos textos de João Ubaldo, e em “A vingança de Charles Tiburone” não é diferente, é a exploração de famílias lexicais que demonstram, sem sombra de dúvida a habilidade do escritor em produzir, através da manipulação dos recursos morfológicos um toque de humor à narrativa. Neste livro encontram-se as séries derivadas:

peixe, peixinhos, peixões, peixal*
sirí, sirizão, sirizal*, Siriópolis*
martelo, martelar, martelado, desmartelamento*
caxangá, caxangazão, Caxangazal*
duende, duendístico*, duendária*, duenderia*
tubarão, tubaronística*, tubaronato*
barracuda, Barracudão, barracudana*, barracudade*
corneta, cornetada*, corneteiro
sapo, saparia, sapão

Nas séries acima encontram-se vocábulos assinalados (*), que são exemplos de formações neológicas excêntricas pelo inusitado do produto, mas plenamente em acordo com as RFPs e as RAEs. Mais neologismos foram identificados durante a narrativa. Observe-se, porém, que em outras obras do escritor são poucas as ocorrências neológicas, sejam derivacionais ou composicionais, mas aqui elas são em número proporcionalmente significativo:

(...) era um lugar ótimo de brincar (...) na beira do riacho, com aquela *caraguejada* toda, de todos os tamanhos (...) p. 31

Os motores roncaram e, sob o controle *navigacional* robótico, *autotrônico* e molecular, a nave deslizou para fora da boca do rio (...) (p. 45)

Mino fez uma curva graciosa em direção às profundezas, acendeu os *super-refletores* de plutônio X-B5 *macroativo*... (p. 45)

Eu não quero ser comida, eu não quero mais brincar (...) Eu quero fazer xixi! Eu já fiz! Eu estou toda *xixizada* (48)

Que tal se eles ligassem o localizador *sincrotrópico* de bandidos, para ver se conseguiam descobrir alguma coisa sobre o paradeiro de Tiburone? (p. 80)

– Não(...) Qualquer pessoa que respire a atmosfera *iônico-ativada* da nave pode viver debaixo d’água(...) (p. 53)

Um explicação possível para justificar tantos neologismos pode ser o fato de uma das personagens ter imaginado uma nave submarina com altos recursos científicos e tecnológicos inovadores, futuristas. Novos fatos, novas realidades implicam novas nomeações. Daí o número

significativo de termos neológicos designativos como “iônico-ativada”, “sincrotópico”, “super-refletores”, “monstrovídeo”, “transpicotron”, “megadente” etc. O cuidado vocabular reside no fato de que termos científicos implicam radicais gregos e latinos na construção do que chamo aqui de “neologismos terminológicos”, criados especialmente para compor o contexto ficcional da narrativa.

Dar voz a animais faz parte do imaginário infantil. Desta forma, peixes, tubarões, lagostas e siris são personagens dialógicos no texto, o que não elimina a presença de onomatopeias, também neológicas, cuja característica principal é a seleção de fonemas escolhidos – consoantes plosivas e vibrantes ao texto – quando se trata de expressar a insatisfação ou a raiva dos tubarões: *Glurb- glurb; Rooorc; Gruorc Grrorr; Ruorrrgg; Grrruc; Grrraak*.

TRACOMUPEMAMAR é uma sigla originada do *Tratado de Cooperação Mútua entre Peixes e Mamíferos Marinhos*. O recurso à sigla como promotora de humor é um expediente encontrado com frequência nas crônicas de Ubaldo, portanto não causando estranhamento aparecer neste livro, cuja intenção inicial é divertir seus leitores. O escritor simplesmente reúne as sílabas iniciais de cada palavra sem se preocupar com a extensão ou a camada fônica que se constrói.

3. *Considerações finais*

Julgamos ter abordado neste estudo os processos de formação de palavras mais significativos na construção do discurso do humor presente na obra em estudo. Não desprezamos, porém, da ampliação do espectro vocabular com a análise de outras formas de uso cotidiano que no texto assumem altíssima expressividade principalmente pela sonoridade de certos formativos afixais, não ignorando que a palavra se constrói semanticamente a partir da cumplicidade entre as unidades do discurso. Porém, preocupamo-nos em apresentar as ocorrências mais produtivas na construção do discurso do humor na narrativa.

Um tema recorrente entre aqueles que têm como atividade o ensino de língua materna está voltado para a questão do trabalho com o texto literário ou não literário na sala de aula. Hoje tem-se quase em uníssono o discurso de que não há mais espaço para o texto existir apenas como pretexto para o desenvolvimento de atividades meramente identificadoras dos fatos gramaticais. Mas isto não quer dizer que se deva ignorar os

elementos internos à língua que são explorados na construção do texto literário e, conseqüentemente, na construção do discurso literário. Nessa perspectiva, “linguagem e palavra convertem-se na matéria da qual a literatura se nutre” (SILVA, 2010, p. 43) e constroem a rede de sentidos que leva ao prazer da leitura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORREIA, Margarita; ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos. *Neologia em português*. São Paulo: Parábola, 2012.

FREUD, Sigmund. *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. Trad.: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

MENEZES, Eduardo Diatay. O riso, o cômico e o lúdico. *Revista de Cultura Vozes*, Petrópolis, n. 1, p 5-14, 1974.

SANTOS, Denise Salim. *Os processos de formação de palavras: a alquimia do riso nas crônicas jornalísticas de João Ubaldo Ribeiro*. 2000. – Dissertação de mestrado. Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro (digitada).

SILVA, Márcia Cabral da. *Infância e literatura*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2010.

ROSA, Guimarães. Aletria e hermenêutica. In: _____. *Tutameia; terceiras estórias*. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979, p. 3-12.